



# Trump diz a aliados que "se virem"

Impaciente com a relutância dos parceiros europeus para ajudar na liberação do Estreito de Ormuz, presidente diz que os EUA cumpriram seus objetivos e podem se retirar da região "em uma ou duas semanas"

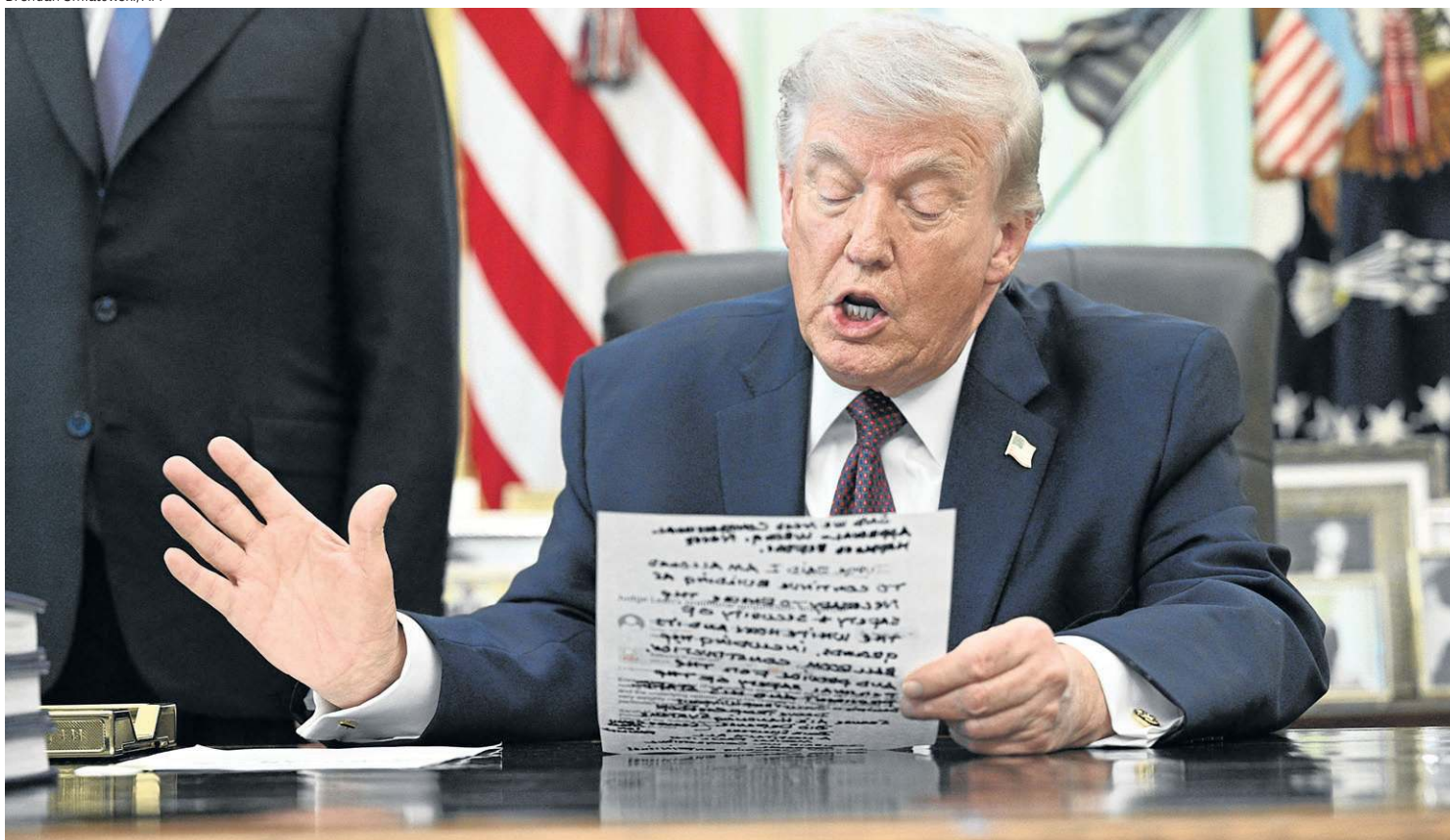
» SILVIO QUEIROZ

O presidente Donald Trump voltou a desfilhar ontem toda sua impaciência com o que considera a má vontade dos aliados, em especial os europeus, para ajudar a liberar o fluxo de petróleo pelo Estreito de Ormuz, bloqueado pelo Irã. Nomeou o Reino Unido, onde o premiê Keir Starmer vem reafirmando a decisão de "não entrar em uma guerra que não é nossa", citou também a França e chegou a mencionar a disposição de deixar o cenário, mesmo sem a liberação da estratégica via marítima. Embora esteja concentrando tropas na região e ameaçando com uma incursão por terra ou bombardeios maciços sobre a infraestrutura iraniana, Trump insistiu em que "a parte dura está feita" e disse aos interessados que "se virem" para garantir o petróleo de que necessitam.

"Países como o Reino Unido que reúnem uma coragem tardia, vão até o estreito (de Ormuz) e tomem o petróleo", escreveu o presidente em sua plataforma, a Truth Social. "Vão ter que começar a aprender como lutar por si mesmos: os EUA não vão mais estar lá para ajudar, como vocês não estiveram conosco", emendou. "O Irã foi dizimado, essencialmente", arrematou. "Agora, se virem e garantam o petróleo de vocês."

Em relação ao governo britânico, aliado europeu preferencial, Trump fez pouco do seu poderio naval, hegemônico até um século atrás. "Houve um dia uma grande Marinha Real", debochou. Quanto ao presidente francês, Emmanuel Macron, protestou contra a decisão de fechar o espaço aéreo para sobrevoos relacionados à guerra no Oriente Médio. "A França não autorizou que aviões com destino a Israel, carregados com suprimentos militares, sobrevoassem o território francês", apontou. "A França tem sido muito pouco útil em relação ao 'açougueiro do Irã', que foi eliminado com sucesso,"

Brendan Smialowski/AFP



Trump durante cerimônia na Casa Branca: queixas contundentes contra Reino Unido e França por "corpo mole" na guerra contra o Irã

arrematou, em provável menção ao líder supremo Ali Khamenei, morto no primeiro dia de bombardeios.

O esgarçamento de alianças históricas e estratégicas, em especial no âmbito da Organização do Tratado do Atlântico Norte (bloco militar liderado por Washington), já causam impacto prático na frente de combate, analisa o professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM. "Os europeus se recusaram a entrar, com a justificativa de que a Otan é uma aliança defensiva, e esta não é uma guerra defensiva", argumenta. "Os danos na Otan já são permanentes. Antes mesmo da guerra, os europeus sabiam que não poderiam contar com o socorro americano."

## Missão cumprida

Já no início da noite, na Casa Branca, Trump voltou a dar por cumpridos os objetivos na guerra contra o Irã, embora tenha deixado de lado a meta inicial de derrubar o regime islâmico, assim como ameaças de invadir o país para retirar o urânio enriquecido. Antes, na companhia de comandantes militares, tinha declarado como praticamente neutralizada a capacidade do país para obter armas nucleares e sua capacidade de atacar com mísseis de maior alcance — pela eliminação de estoques e unidades de produção. Mais tarde, no Salão Oval, deu a entender que faltariam apenas alguns arremates, mas que

as operações podem estar concluídas "em duas ou três semanas", mesmo sem acordo fechado com Teerã.

"É possível que Trump se retire da guerra tentando criar a narrativa, para seus eleitores, de que os objetivos foram alcançados: destruição do programa nuclear do Irã, da capacidade missilística ou qualquer coisa que venha a inventar", avalia o professor da ESPM. Uma das questões abertas, porém, é o planejamento do premiê Benjamin Netanyahu, parceiro de primeira hora na ofensiva. "Israel não tem os meios para continuar essa guerra sozinho, porque precisa de muito reabastecimento aéreo americano e,

muito provavelmente, vai precisar de 'boots on the ground' (tropas no solo), e não dispõe de condições para isso", observa Gunther Rudzit.

De sua parte, o Irã garante que tem "a vontade necessária" para pôr fim à guerra com os EUA e Israel, nas palavras do presidente Masoud Pezeshkian. Ele insiste, porém, em que não há negociações diretas com Washington, apenas a troca de mensagens via intermediários. "Temos a vontade necessária para pôr fim a esse conflito, desde que sejam cumpridas as condições essenciais, especialmente as garantias requeridas para evitar que a agressão se repita", disse, reiterando uma das principais exigências de Teerã.

## ONU e Europa advertem Israel

Israel enfrenta duras reações, na frente diplomática, à decisão da Knesset (parlamento) de restaurar a pena de morte para palestinos condenados por ações qualificadas como "terrorismo". O alto comissário das Nações Unidas para Direitos Humanos, Volker Türk, advertiu claramente o governo do premiê Benjamin Netanyahu de que "a aplicação (da sentença) a habitantes dos territórios palestinos ocupados constituiria crime de guerra". E a presidente da Assembleia Parlamentar do Conselho Europeu, Petra Bayr, acenou com a possibilidade de suspender o país da condição de observador no organismo.

O dirigente da ONU classificou a nova lei aprovada pelos deputados israelenses como "discriminatória" e acenou que a adoção da pena de morte como padrão para prisioneiros palestinos "constituiria uma violação adicional particularmente grave do direito internacional". O texto votado determina que quem "provoque intencionalmente a morte de outra com o objetivo de causar dano a um cidadão ou residente israelense, com a intenção de pôr fim à existência do Estado de Israel, poderá ser condenada à morte ou à prisão perpétua".

O alto comissário manifestou preocupação com outro projeto de lei em tramitação na Knesset, que estabelece um tribunal militar especial para julgar crimes cometidos durante e após o ataque do movimento palestino Hamas em Israel, em 7 de outubro de 2023. A ação deixou mais de 1.300 israelenses mortos e foi o estopim para dois anos de ofensiva militar na Faixa de Gaza, com saldo de 72 mil palestinos mortos. Mesmo após cessar-fogo firmado no ano passado, Israel segue bombardeando o território.

## ESTADOS UNIDOS

# Justiça anula lei que proibia "cura gay"

Por 8 votos a favor e 1 contra, a Suprema Corte dos Estados Unidos invalidou uma lei do estado do Colorado (oeste) que proibia o exercício das chamadas "terapias de conversão" para menores LGBTQIAP+. A decisão, tomada no Dia Internacional da Visibilidade Transgênero, está alinhada ao posicionamento do presidente Donald Trump. O republicano havia assinado um decreto que extinguiu a ajuda do Estado para os tratamentos de transição de menores e anunciado que o seu governo somente reconheceria "dois sexos" definidos durante o nascimento: masculino e feminino.

As "terapias de conversão" — popularmente conhecidas como "cura gay" — são vetadas em cerca de 20 dos 50 estados norte-americanos. Elas propõem modificar a orientação sexual ou a identidade de gênero de pessoas LGBTQIAP+, sob o pretexto de "reconverter-las" em heterossexuais. Na prática, essas técnicas igualam a homossexualidade a uma doença ou a um transtorno mental. Desde 2019, o Colorado não permitia as "terapias de conversão" para

Timothy A. Clary/AFP



Casal LGBTQIAP+ se beija durante manifestação em Nova York

menores. A lei também restringe o direito de expressar opiniões contrárias, e é este o aspecto que os magistrados invalidaram.

Dos nove juízes do tribunal, os seis conservadores e dois dos três progressistas deram razão à demandante, Kaley Chiles, que

contestava a lei na Justiça, ao invocar sua fé cristã. O único voto dissonante foi o da juíza Ketanji Brown Jackson, que criticou os pares por "abrirem uma caixa de Pandora". De acordo com a magistrada progressista, a decisão da Suprema Corte diminui

a capacidade dos estados de regulamentar práticas médicas que "representam risco de danos graves à saúde e ao bem-estar dos americanos". A demandante considerava que a lei do Colorado violava a Primeira Emenda da Constituição americana, que garante a liberdade de expressão.

"A lei do Colorado que proíbe as terapias de conversão não só proíbe as intervenções físicas. Em casos como este, censura o discurso da opinião" da pessoa, neste caso, a senhora Chiles, escreveu o juiz conservador Neil Gorsuch na sentença, em nome da maioria do tribunal. "Da forma como foi aplicada à Sra. Chiles, a lei do Colorado regulou seu discurso e foi ainda mais longe ao prescrever quais posições ela podia ou não expressar, discriminando com base no ponto de vista", argumentou. "Mas, a Primeira Emenda constitui um escudo contra qualquer tentativa de impor uma ortodoxia de pensamento ou de palavra neste país. Expressa, ao contrário, convicção de que todo americano possui um direito inalienável de pensar e falar livremente", acrescentou Gorsuch.

Heather Diehl/Getty Images/AFP



## Uma "homenagem" a Donald Trump

"Um trono digno de um rei": assim é intitulado um peculiar vaso sanitário dourado que um grupo de artistas instalou no centro de Washington, a poucos quarteirões da Casa Branca, para ironizar o presidente Donald Trump e sua preferência pela pompa e por tudo que reluz. A obra satírica foi montada no National Mall, ponto turístico da capital dos Estados Unidos, para ridicularizar as reformas realizadas pelo presidente americano na Casa Branca. "Em uma época marcada por divisões sem precedentes, uma escalada dos conflitos e turbulências econômicas, o presidente Trump se concentrou no que realmente importava: a renovação do banheiro Lincoln, na Casa Branca", explica uma placa de bronze colocada na escultura. Em outubro, Donald Trump se vangloriou, em sua plataforma, Truth Social, de ter reformado este espaço que leva o nome do ex-presidente dos Estados Unidos Abraham Lincoln. Ontem, um juiz federal ordenou paralisar as obras do salão de baile na Casa Branca.